

## A NOVA REPÚBLICA E O “MOVIMENTO POR UMA NOVA SOBRAL”.

EDVANIR MAIA DA SILVEIRA.<sup>1</sup>

### Introdução

Os anos de 1980 comportaram uma crescente pressão pela democratização do país. Acontecimentos como, o retorno ao pluripartidarismo; eleições diretas para governadores de estado; campanha *Diretas-Já*; promulgação de nova Constituição e eleições diretas para presidente da República confirmam a pertinência da tese de que a década de 80 não foi uma década perdida (DELGADO, 2007:421).

Em Sobral, os representantes do regime de exceção, os grupos Prado e Barreto, continuavam no comando do poder municipal, contudo os mesmos não detinham mais a hegemonia política. A falta de assistência do governo estadual e federal, a autonomia conquistada pelo grupo Ferreira Gomes, velho aliado de Prado, somada a pressão exercida pelos jovens partidos de esquerda, davam sinais de que outra cultura política ganhava espaço na cena pública sobralense.

O conjunto de forças que pressionaram a crise dos velhos chefes foi denominado *Movimento Por Uma Nova Sobral*, que embora tivesse vida curta criou as bases para ascensão de outros grupos políticos, que mais tarde assumiriam a chefia do poder municipal. O objetivo deste artigo é discutir as mudanças e permanências na política municipal sobralense, na vigência da Nova República.

### 1. Sinais da Nova República em Sobral.

A Nova República do ponto de vista institucional não tem quase nada de novo. Muitos analistas defendem que o regime ditatorial instalado no Brasil, em 1964 só terminou com as eleições diretas para presidente em 1989. A Aliança Democrática que lançou a candidatura de Tancredo Neves e José Sarney foi nada menos do que uma negociação entre os militares e

---

<sup>1</sup> A autora é Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ).

setores conservadores civis para uma transição “lenta, gradual e segura” dos grupos que se mantinham no poder, há vinte anos.

Essa morosa caminhada de transição vinha ladeada pela pressão articulada por diversos setores da sociedade civil organizada, a qual ganha consistência em meados dos anos 70, mesmo não sendo determinante no processo de abertura política, essa pressão de setores sociais exerceu um papel importante para a consolidação de uma nova cultura política, que tinha em pauta a defesa da liberdade, da democracia e da justiça social.

Mesmo com a permanência dos velhos chefes no poder municipal em Sobral, os sinais de outro tempo apareciam nos discursos e práticas experimentadas por setores da Igreja Católica, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), das artes, da imprensa e dos novos partidos políticos, questionando o autoritarismo e propondo uma nova sociedade.

Os dilemas dos primeiros anos do fim do regime militar são evidenciados no jornal *Correio da Semana* como momento de crise política e econômica. O semanário critica a permanência de velhas práticas e chama a atenção para a necessidade de esperança em um novo tempo. Era muito obscura a fronteira entre o Regime Militar e a Nova República, mas o espírito do Novo era diariamente aludido pela imprensa local. Num periódico estudantil, um aluno de uma escola católica exaltava Tancredo Neves como *Mártir da Democracia*: “Hoje o povo brasileiro chora a perda desse seu filho ilustre. O Presidente Tancredo se foi, mas o seu exemplo, a sua mensagem ficou: o exemplo do mártir da democracia.” (O DEBATE, 1985).

As eleições de 1986 e a Constituinte eram pauta de discussão permanente, principalmente da Igreja Católica, que expressava grande expectativa pela Constituição em vista, por meio das páginas do seu semanário. A comemoração da Independência em 1989 ganhava contornos muito diferentes dos anos anteriores: “*Comemoração da independência em país dependente?* (CORREIO DA SEMANA, 13/09/1989). Um articulista e advogado nos seus textos semanais naquele periódico católico, reforçava esse anseio de mudança presente no cotidiano citadino:

*Precisamos dar o nosso grito de independência, e já, com as mudanças que já estão aí na cara dos antigos, somos a partir de agora os pilares da construção da democracia em nosso meio, não deveremos recuar mais, faremos a história desta terra, pois somos os protagonistas a partir de hoje, mãos a obra e fé no futuro, e em nossos ideais democráticos. **Vamos salvar Sobral destes vinte longos e tantos***

*anos de insolência político administrativa. (grifo nosso) (CORREIO DA SEMANA, 29/11/1986).*

Vários festivais de música aconteceriam ao longo desta década. Na coluna Panorama Cultural, do Correio da Semana, de autoria de Edílson Silva, eram notificados vários festivais de música em Sobral e região. O I Festival Universitário de Música e Poesia da UVA aconteceu em 1985, e o segundo dois anos depois. Em 1986, aconteceram o I Festival de Música de Camocim, que ficou muito famoso no estado, e o II Festival de Música da Ibiapaba. Em 1987, ocorreu o I Festival de Música Popular, promovido pela COELCE. Em 94, o II Festival Canta Sobral aconteceu (CORREIO DA SEMANA, 1985,1986,1994). Esses eventos tinham uma participação muito assídua da juventude, que via nesse canto à vida, um símbolo da esperança em um novo tempo, nascido com a retirada dos militares no poder.

No teatro o mesmo ocorria. De acordo com o historiador Edilberto dos Santos, o teatro sobralense na década de 1980 e 1990, caracterizava-se pelo engajamento político, fase já superada pelo movimento teatral em outras regiões do país. Com raízes na Teologia da Libertação, por meio das CEBs e pastorais de juventude como também pelos partidos de esquerda: PT e PC do B, as peças denunciavam a violência no campo, a repressão política, a luta pela democracia, dentre outras temáticas presentes na pauta dos movimentos sociais, desde a década de 1970.

A Universidade Estadual Vale do Acaraú, que nasceu sob a égide dos coronéis, também contribuiu com a produção da nova cultura. Em 1986, a instituição vivenciou uma greve pela regularização da situação funcional dos professores. (COLUNA DA HORA, 03/1983). A Universidade foi palco de muitos debates sobre as eleições, a constituinte e de um importante grupo de Teatro. Em 1988, há uma coluna intitulada “Notícias da UVA”, em que eram difundidas informações sobre as disputas políticas na instituição, uma dessas matérias era intitulada Autonomia da UVA violada...(CORREIO DA SEMANA, 31/03/1988). Junto com os grupos ligados à Igreja Católica a Universidade constituiu as bases para o nascimento de partidos políticos de esquerda como o PT, PC do B e PSB, que iriam engrossar as fileiras da luta pela redemocratização. Manifestações como a criação do Movimento Por Uma Nova Sobral e o voto de pesar da Câmara Municipal de Sobral, pelo falecimento do

comunista João Sales, em 1987 (CÂMARA MUNICIPAL, 17/03/1987), davam indícios de que uma nova cultura política começava a ganhar espaço no cenário sobralense.

## 2. A ascensão dos empresários ao poder do Ceará.

No Ceará, o poder político dos aliados do regime militar mostrava fortes sinais de enfraquecimento desde a eleição de 1982. Os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals não conseguiram um consenso quanto ao candidato do seu grupo, e a decisão foi tomada numa reunião intermediada pelo Palácio do Planalto, no chamado “acordo de Brasília”.<sup>2</sup> Luiz Gonzaga Mota, embora partilhasse das ideias de Távora, rompeu seu acordo com os coronéis, aliando-se mais tarde ao grupo dos jovens empresários ligados ao Centro Industrial Cearense (CIC), sob a liderança política de Tasso Jereissati.

A transição dos coronéis para os empresários não se deu de forma abrupta, de acordo com o livro *Os pecados capitais do Cambeba*, organizado por Artur Bruno e outros, os jovens empresários apoiaram o Coronel Virgílio Távora nas eleições indiretas de 1979, e Gonzaga Mota, nas eleições diretas de 1982. À medida que os empresários adentravam o sistema vigente, os mesmos visualizavam fraquezas e plantavam as sementes de superação. Ainda de acordo com o livro, os empresários estimularam o governador Gonzaga Mota a romper com seus “padrinhos”, fundaram o Comitê Pró-diretas Já (1983-1984), no Ceará, e com a impossibilidade destas, apoiaram a candidatura de Tancredo Neves para presidente, enquanto as facções políticas dos coronéis apoiaram Paulo Maluf (BRUNO, FARIAS, ANDRADE, 2002:09).

O projeto político do Movimento Pró-mudanças iniciado com a eleição de Jereissati teve continuidade no governo do sobralense Ciro Ferreira Gomes (1990-1994), que no pleito seguinte foi sucedido pelo segundo mandato de Tasso Jereissati (1995-1998). A falta de sintonia entre os novos governos e os prefeitos de Sobral traria muitos entraves ao desenvolvimento da cidade.

---

<sup>2</sup> O Acordo de Brasília foi um pacto entre os coronéis em que cada um dos três teria um terço da administração pública, restando a Gonzaga Mota, o papel burocrático. Fonte: BRUNO, A. ; FARIAS, A. de & ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital) p. 10.

### 3. A sobrevivência do projeto tradicional em Sobral.

O fim da ditadura e a ascensão dos empresários no Ceará obrigaram as velhas agremiações sobralenses a se reorganizarem. Prado, para o Partido da Frente Liberal (PFL) e Barreto, para o Partido Democrático Social (PDS), juntando-se pela primeira vez na campanha eleitoral de 1986 para apoiar a candidatura do Coronel Aduino Bezerra ao governo do Estado, mesmo não tendo conseguido a vice-governadoria para Sobral, como esperavam (CORREIO DA SEMANA, 05/04/1986).

Os historiadores Bruno, Farias e Andrade afirmam que derrotar os coronéis no Ceará foi uma tarefa muito fácil, para os empresários (BRUNO, FARIAS, ANDRADE, 2002:11), mas há controvérsias. No estudo sobre os empresários no poder, Isabela Martin diz que, de acordo com depoimentos dos próprios empresários, era muito incerta a eleição de Jereissati, nem mesmo os correligionários acreditavam na sua vitória (MARTIN, 1993).

Em Sobral, os aliados dos coronéis estavam otimistas quanto à eleição de Aduino Bezerra, sequer aparecia no jornal Correio da Semana a notícia da candidatura de Tasso Jereissati. A única referência feita no jornal foi a candidatura de Mauro Benevides no lugar de Jereissati, pois acreditava-se que Benevides perderia para Bezerra. Somente após o resultado das eleições foi que Tasso Jereissati virou matéria de capa do Correio da Semana: “Tasso e o povo dão um basta aos coronéis – também em Sobral. Tasso – 14.012 de maioria” (CORREIO DA SEMANA, 22/11/1986).

Um articulista disse que o resultado foi surpreendente, esperava-se uma vitória mais modesta em virtude de uma mentalidade de prestígio consolidada ao longo dos vinte anos de poder dos coronéis, dos quais não se podem esquecer as grandes obras de estrutura por eles executadas. O articulista pediu cautela sobre o que viria: “[Se] esta foi a solução para os problemas do Estado, só a médio prazo, vamos ter a constatação.” Concluiu dizendo que se Tasso Jereissati e seus correligionários realizassem 50% do que foi prometido, o Ceará ficaria plenamente satisfeito, porque o estado seria transformado na terra da promessa! (CORREIO DA SEMANA, 22/11/1986).

Quase uma década depois, o colunista sobralense Raimundo Aragão, reforça a leitura sobre a dificuldade de derrotar os coronéis:

*A idade dos velhos caciques e a falta de liderança entre os herdeiros diretos, facilitaram o trabalho do grupo de jovens que conquistou o poder em 1986. Chagaram com linguagem diferente, propostas de limpeza, argumentos fincados em dados científicos. Os coronéis não sabiam o que era marketing, não acreditavam em pesquisas e subestimavam o poder da mídia. Possuíam recursos financeiros, mas não havia um esquema de grandes empresas para financiá-los. Mesmo assim, a época ninguém de bom senso acreditava que eles pudessem ser derrotados. (CORREIO DA SEMANA, 19/11/1994).*

Essas opiniões indicam que mesmo com outro projeto político em ascensão, alcançando maioria eleitoral, como foi o caso da eleição de Jereissati, o projeto tradicional encontrava espaço na vida política cidadina, entretanto, o novo momento requereria outras práticas para que se mantivessem harmônicas as relações entre as diferentes esferas de poder.

Sobreviver na Nova República não seria uma fácil tarefa aos velhos chefes sobralenses. A situação do Partido Democrático Social (PDS), representado pelos Barreto não era das melhores. A convenção de 1988 revelava a fragilidade do partido:

#### ***Quase Morrendo***

*Sem o brilho das convenções de anos anteriores, o Partido Democrático Social – PDS realizou sua convenção municipal em clima de total apatia e desolamento; cumprindo apenas uma exigência da justiça eleitoral. Para aquele que já foi o maior partido do ocidente, realizar convenções “capengas” como as que aconteceram em Sobral e na maioria dos municípios cearenses, é o sinal mais evidente de sua completa decadência. Um segredo: Há eleitores que pensam que o PDS teve seu fim com as eleições de 1985. Acreditamos que depois das eleições deste ano, só ficarão no Partido, o senador Virgílio Távora e o prefeito Joaquim Barreto. (CORREIO DA SEMANA, 16/04/1988).*

Os tempos já não eram mais os mesmos, embora com ideias e práticas muito semelhantes, a união de Prado e Barreto, depois de mais de vinte anos de disputas, era sintoma de que eles não detinham mais a hegemonia do poder local, e outros atores ganhavam espaço na cena pública. A reação dos correligionários de ambos os lados à aliança sugeria que a proposição fugia à “normalidade” cidadina.

#### **4. Por outra Sobral.**

O questionamento ao autoritarismo, ao clientelismo e à improbidade administrativa, começava a reunir grupos e pessoas de origem diversas em torno de um projeto de mudança na liderança do poder local. Os partidos de esquerda e os Ferreira Gomes foram alguns desses personagens.

#### 4.1. Os partidos de esquerda.

No início dos anos 80, vários jovens sobralenses que voltavam de estudos em Fortaleza, trouxeram consigo os ideais e as propostas do movimento de esquerda nacional que resultaram na fundação do PT, do PC do B, do PDT e do PSB em Sobral. Muitos deles foram estudantes do Colégio Sobralense nos anos 60 e 70, onde os mesmos participaram de movimentos, questionando a ditadura, prática que foi amadurecida na capital, ajudando na reativação de diretórios e centro acadêmicos nas Universidades públicas em que se formaram.

Segundo o professor Gilvan Azevedo Ferreira, um dos fundadores do PC do B em Sobral, a ação de um movimento de esquerda sobralense, nos anos de 1980, deve-se principalmente à criação do Centro Acadêmico de Pedagogia da UVA, por volta do ano de 1981, o qual ele ajudou a fundar. Ferreira afirma que o PC do B se encontrava na ilegalidade, por isso seus militantes usavam codinomes para escapar dos militares. O periódico, *Classe Operária*, de circulação nacional do partido era bastante vendido no município. O professor Gilvan Ferreira deixa claro que a proteção da Igreja e a aliança com o MDB constituíam elementos substanciais para a atuação dos movimentos de esquerda na cidade (FERREIRA, 17/08/2010).

A célula municipal do PT foi criada em 1982. O primeiro presidente foi o sindicalista ferroviário Vicente José de Sales. Segundo depoimento do Professor Osvaldo Aguiar, presidente do PT em Sobral no ano de 1987, o partido nasceu da influência do movimento católico o Dia do Senhor, do Movimento de Educação de Base, da pastoral de juventude e dos sindicatos de trabalhadores rurais, sob a orientação da Teologia da Libertação. A atuação do partido, no município, foi principalmente no campo, embora também tenha atuado nos movimentos urbanos, dentre eles, na fundação do Centro

Acadêmico do curso de História da UVA, e nas eleições municipais ao longo dos anos 80 e 90.

O PDT foi fundado em 1986, tendo dois nomes de referência, o médico Francisco José Fontenele Azevedo e o engenheiro da REFESA José Lins dos Santos, um dos fundadores da célula do partido na cidade, que em diversos momentos fez parceria com os outros partidos de esquerda na oposição ao poder vigente. O PSB, em nível local, também teve dois nomes de destaque, o arquiteto e professor da UVA Francisco Edilson Ponte Aragão e o engenheiro e também professor da UVA, José Luciano Pontes Linhares, ambos assumiram mandatos legislativos municipais entre os anos 80 e 90, contribuindo para a ascensão de uma nova cultura política.

Embora não constituíssem um grupo coeso, esses partidos estiveram juntos em diversos momentos levantando a bandeira da liberdade, da democracia, da transparência na administração pública e no exercício da cidadania, o que significava serem opositores dos grupos Prado e Barreto, que comandavam o exercício do poder local há pelo menos duas décadas.

As eleições de 1982 foram a primeira disputa em que esses partidos se uniram para concorrerem. O PC do B, o PDT e o PSB se juntaram ao PMDB, apoiando Rildson Martins para prefeito e Clodoveu Arruda (PC do B) a vereador, que embora sendo o terceiro mais votado, não se elegeu devido à legenda pequena. O PT participou, lançando candidato próprio, José Valmir Linhares. O candidato dos Barreto, Joaquim Barreto saiu vitorioso. Essa seria apenas a primeira de uma longa jornada que esses partidos empreenderiam para modificar a história política da cidade com a qual as suas mentes juvenis não poderiam mais compactuar.

#### 4.2. Os Ferreira Gomes.

Além dos partidos de esquerda, outro grupo disputava o poder municipal. Os Ferreira Gomes, entre os anos de 1960 a 1980, foram aliados dos Prado em diversos pleitos eleitorais, organizados numa das sublegendas da ARENA. No período da ditadura ambos puderam contar com a influência do General Josias Ferreira Gomes junto às Forças Armadas, para

solução de conflitos locais. Em 1977, José Euclides Ferreira Gomes Júnior assumiu o poder municipal como candidato dos Prado, com quem rompeu logo depois e fundou sua própria agremiação. Com o fim do bipartidarismo o grupo Ferreira Gomes foi para o Partido Democrático Social (PDS-3). A atuação dessa família teve continuidade com a carreira política do advogado e professor Ciro Ferreira Gomes e do Engenheiro Civil, Cid Ferreira Gomes, filhos de José Euclides F. Gomes Júnior.

Ciro Gomes iniciou a vida política como suplente de Deputado Estadual pelo PDS, em 1982. Participou do *Movimento Pró-mudanças*, que elegeu Tasso Jereissati, governador do Ceará e o elegeu Deputado Estadual em 1986, desta vez pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), numa coligação com o PCB e o PC do B. Filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que o elegeu Prefeito de Fortaleza, em 1988.

Ao lado de Prado, Barreto e Figueiredo, o grupo Ferreira Gomes garantiu um lugar para Sobral no cenário político brasileiro nas eleições de 1986. Na Assembleia Legislativa, as três facções – Barreto, Prado e Ferreira Gomes - tinham representação. José Parente Prado (PDS) foi o mais votado, seguido por César Barreto Lima (PFL), Ciro Ferreira Gomes (PMDB) e Alexandre Figueiredo (PDC). De acordo com a imprensa, Sobral contava com a segunda maior bancada na Assembleia Legislativa em 1987, tendo o sobralense Ciro Gomes como líder do governo. Em nível federal, dois sobralenses assumiram ministérios no governo José Sarney: Paulo Lustosa da Costa, no *Ministério da Desburocratização e modernização administrativa*, e o Almirante Henrique Sabóia, no *Ministério da Marinha*. No mandato de ministro, Paulo Lustosa ajudou na criação do *Instituto de Desenvolvimento da Região Norte do Ceará*, como também na dotação de verba para a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, sob a administração do padre José Linhares, líder ligado ao grupo Ferreira Gomes (*CORREIO DA SEMANA*, 04/1986).

Mesmo com representação na Assembleia, não foi tranquila a continuidade das administrações de Prado e Barreto, porque diferentemente dos períodos anteriores, não eram os prefeitos que obtinham prestígio junto ao governo estadual e o federal e sim os seus concorrentes, que naquele momento começavam a ganhar autonomia política.

A história da ascensão política do grupo Ferreira Gomes tem elementos muito semelhantes à história dos empresários que chegaram ao poder no Ceará: jovens lideranças construídas dentro das velhas estruturas, que romperam com seus “padrinhos” e constituíram uma nova agremiação, pautada no discurso do equilíbrio orçamentário, na eficiência da máquina pública e na probidade administrativa. A diferença é que em Sobral essa ascensão só aconteceria uma década depois do fim da ditadura.

Apesar do distanciamento entre o projeto da Esquerda e o do grupo Ferreira Gomes, ao longo dos primeiros dez anos da Nova República, ambos foram críticos ferrenhos das administrações Prado e Barreto, contra os quais disputaram incansavelmente o poder municipal.

#### 4.3. Movimento Por uma Nova Sobral.

As condições materiais em que se encontrava a cidade e a ascensão de novos partidos, ideias e líderes ensejaram a criação de um movimento suprapartidário intitulado *Movimento Por Uma Nova Sobral*. De acordo com ex-membros do grupo, o movimento tinha a participação de militantes do PT, PC do B, PSB, PDT e outros cidadãos, que embora não se identificassem com nenhum partido político, queriam discutir os problemas da cidade. O Movimento atuava por meio de um programa de rádio, com o mesmo título, que ia ao ar ao meio-dia, na Rádio Iracema, atual Rádio Regional. Funcionava como uma roda de conversa com espaço livre para quem quisesse debater sobre os temas da cidade. Ainda de acordo com os depoentes, o programa tinha um alto nível de audiência (AGUIAR, 14/11/2012).

Além do espaço radiofônico de discussão, o movimento atuou na elaboração do orçamento participativo, quando fez parceria com o Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sobral (CODES) e o Instituto Regional de Desenvolvimento Comunitário (IDEC), no chamado *Conselhão*:<sup>3</sup>

#### *O “Conselhão” para o Orçamento do Município.*

---

<sup>3</sup> Lei nº 002/86 de 4 de março de 1986. *Correio da Semana*. Sobral, 25 de julho de 1987.

*De repente o prefeito não decide mais sobre a obra que vai realizar primeiro. Nem a que vem depois. Quem decide é o povo. O povo que habita nos bairros e nos distritos povoados da zona rural.*

*(...)*

*Por uma feliz coincidência, em 1987 surgiu o **Movimento Por uma Nova Sobral**. Movimento espontâneo e suprapartidário.*

*A partir de maio de 1987 o CODES, O IDEC e o Movimento Por uma Nova Sobral passaram a trabalhar em regime de cooperação a fim de identificar os pólos comunitários urbanos e rurais do município.*

*Aos poucos reuniões foram acontecendo com expressiva presença dos moradores. Através de votação secreta foram sendo escolhidos Representantes e Vice-Representantes para cada bairro e para cada núcleo rural.*

*Em julho de 1987 realizar-se-á a primeira reunião plenária do “Conselhão”. A coordenação está entregue ao CODES e o **Movimento Por Uma Nova Sobral**. O IDEC deverá secretariar os trabalhos oferecendo os primeiros “cadernos” informativos sobre o ORÇAMENTO MUNICIPAL DE SOBRAL. (Grifos nossos) (CORREIO DA SEMANA, 25/07/1987).*

Outra luta encampada pelo Movimento foi em torno da Siderúrgica do Nordeste (SINDINOR ou SIDNOR): “Outro fato que sem dúvida marcou o ano político em Sobral foi (...) a criação do movimento por uma Nova Sobral, que apesar de ter tido uma vida atuante muito curta, marcou pela luta desenvolvida em torno da sindinor.” (CORREIO DA SEMANA, 23/12/1987).

Para vários ex-militantes do grupo, concretamente, o movimento rendeu para Sobral a mobilização de um número significativo de pessoas interessadas em discutir os problemas da cidade, isso por si só, justificava o movimento, que resultou na ascensão de novas lideranças que disputariam o poder local nos pleitos seguintes.

As eleições de 1988 tiveram a atuação direta do Movimento. A candidatura de José Linhares Pontes/Cid Gomes para prefeito e vice, contou com o apoio da maioria dos membros do Movimento, que lançou vários candidatos ao mandato de vereador. O Partido dos Trabalhadores mais uma vez lançou candidato próprio. Segundo Osvaldo Aguiar, presidente do PT à época, e funcionário da Santa Casa, sob a direção de José Linhares, o partido não via no administrador uma esperança para a cidade. Apesar de considerar o Movimento interessante, não via nele uma base social consistente nem segurança ideológica, por isso resolveram lançar como candidato a prefeito, o funcionário da Receita Federal Pedro Fernandes e Osvaldo Aguiar para vereador (AGUIAR, 14/11/2012).

Para o arquiteto Edilson Aragão, candidato a vereador pela *Frente Popular por Uma Nova Sobral*, José Linhares apesar de não ser político, era respeitado por vários membros do Movimento pela sua atuação como diretor do Colégio Sobralense nos anos 60, por onde passaram muitos dos jovens militantes. Cid Ferreira Gomes era filho do ex-prefeito José Euclides Ferreira Gomes Júnior, que apesar do histórico de aliança com o grupo Prado, na sua administração em 1977-1982, tinha ensaiado um modelo de gestão menos tradicional, mais tecnicista, creditando a Ferreira Gomes o apoio do movimento. Ou seja, o grupo Ferreira Gomes não fez parte do *Movimento Por uma Nova Sobral*, mas recebeu o apoio do grupo no momento em que ensaiavam sua independência dos Prado. (ARAGÃO, 30/11/2012).

Durante a década de 1980, a superação daquela geração de gestores, identificada com o tradicional, era pauta permanente de debate na cidade. O colunista do *Correio da Semana*, Chico Prado, que foi um crítico ferrenho da administração de Joaquim Barreto (1983-1988), propôs a criação de uma Frente Única, formada por pequenos partidos, para fazer frente às velhas agremiações da política local nas próximas eleições municipais:

*Já estava na hora de uma virada nova, de idéias, de razões, de filosofias, e até de ações integradas na busca de um condicionamento diferente na política nossa de cada dia. A sorte está lançada, agora vamos a guerra fria da política barata, da venda, da troca, e do desperdício do voto. Tudo agora dependerá de você eleitor, vamos mudar essa farsa de opiniões diversas, para isso estará nascendo um grupo também novo em prol de Sobral, e de seu povo. Tal grupo criado em favor das mudanças, será chamado de GRIPS – Grupo de Renovação Independente da Política Sobralense (CORREIO DA SEMANA, 05/04/1988).*

Não foi encontrada nenhuma outra referência ao grupo proposto por Chico Prado, mas a proposição era sintomática da pressão sobre o poder vigente. A hegemonia dos velhos chefes começava a correr riscos, a disputa eleitoral não seria fácil. A aliança parecia inevitável.

## 5. A aliança Prado e Barreto.

As proposições em torno das eleições municipais de 1988 evidenciavam a fragilização do poder de Prado e Barreto em detrimento de novos líderes. Numa aliança histórica, esses dois grupos se uniram lançando a chapa José Parente Prado /Francisco Ricardo Barreto Dias,

em oposição à candidatura do Padre José Linhares/Cid Ferreira Gomes (PMDB), que contava com o apoio do PSB, do PDT e do PC do B.

A proposta de aliança entre Prado e Barreto não era uma ideia nova, nas eleições de 1972, isso já havia sido cogitado, embora não tenha se efetivado. Os estremecimentos entre as duas facções se davam essencialmente entre as bases eleitorais, entre os líderes o embate era mais ameno, pelos menos fora das campanhas eleitorais. Mesmo assim, os depoentes são unânimes em afirmar que foi muito tensa a definição da aliança em 88, bem como a própria campanha eleitoral.

**Tabela 4 - Eleições Municipais de 15 de novembro 1988 - Município de Sobral.**

CARGO	NÚMERO	SITUAÇÃO	CANDIDATO	VOTOS
PREFEITO	25	ELEITO	José Parente Prado	24205
VICE-PREFEITO	-	-	Francisco Ricardo Barreto Dias	-
PREFEITO	15	Não eleito	José Linhares Pontes	22639
VICE-PREFEITO	-	-	Cid Ferreira Gomes	-
PREFEITO	13	Não eleito	Pedro Fernandes Corrêa	258
VICE-PREFEITO	-	-	Rivana Maria Rocha Moura	-
PREFEITO	22	Não eleito	Maria da Conceição A. Nobre	69
VICE-PREFEITO	-	-	Maria Elza Silvino	-

Fonte: TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO CEARÁ. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976, 1982 e 1988. – Município de Sobral.

A vitória foi apertada. Zé Prado assumia o seu segundo mandato como prefeito. De acordo com Valério Sobral, a eleição de 1988 foi a campanha mais difícil da carreira de Zé Prado. O slogan de campanha do *azul* contra o *verde* era: *É Zé contra Zé. É Zé Prado que o povo quer*. Segundo o blog, as pesquisas de intenção de votos davam maioria para o padre Zé. Para avançar, Zé Prado teria visitado até a casa de eleitores adversários. Sua capacidade de comover as massas ao longo das campanhas é comparada a padre Palhano de Sabóia, prefeito da cidade na década de 1950 (souchocolateenaodesisto.blogspot.com, 27/09/2012). Nas honras à morte de José Prado, em 1999, um jornalista traça o perfil:

*Criticado pelo seu jeito de ser íntimo da pobreza, o que para alguns cheirava a demagogia, Zé Prado não largava seu jeito de matuto, suas qualidades de homem simples, de comedor de carne de bode seca e rapadura, que não dispensava suas sandálias japonesas, quando chegava da lida das ruas.*

*Era o Zé Cachaça, o Zé à Pé, o Zé dos Pobres, o Zé pra Zé... (CAPITAL NORTE, 29/05/1999).*

As divergências dentro do *Movimento por Uma Nova Sobral* em torno da eleição de 1988 desestabilizaram as bases do Movimento, que perdeu força enquanto grupo, todavia a semente de outra Sobral havia sido plantada. O mandato de vereador de Edilson Aragão (PSB) fortaleceria o projeto da Esquerda, enquanto o grupo Ferreira Gomes se lançava na disputa estadual.

Na fala dos saudosistas, as eleições estaduais de 1990 apontavam como uma luz no fim do túnel para que Sobral pudesse recuperar seu prestígio do tempo de Chico Monte, José Sabóia e Dom José. Sobral indicou dois candidatos a governador em 1990: Ciro Ferreira Gomes/Lúcio Alcântara (PSDB/PDT/PDC) e Paulo Lustosa da Costa/Luiza Távora (PFL/PMDB/PDS), dois candidatos a deputado Federal e nove a Estadual. Foram muitos os apelos para que o município recuperasse seu prestígio, embora tenha sido bastante conflituosa a campanha eleitoral (*CORREIO DA SEMANA*, 18/04/1990)

Na coluna de Chico Prado, intitulada *A vez da zona norte*, ele fez a seguinte afirmação:

*Sobral tem duas histórias, antes de Dom José e depois, só que antes, Sobral tinha gabarito político, e homens que amavam seu torrão natal, hoje em dia o descrédito é absoluto na classe política, que vaga no ostracismo de voto, e na demagogia de encher os seus bolsos às custas da pobreza já morta. (...).*

*Já está na hora da virada, Ciro ou Paulo, serão o sal de nossa terra prometida de progresso, a princesa do norte, de Região já quase falida de homens e promettimentos demagógicos. Tenho dito (CORREIO DA SEMANA, 12/05/1990)*

A disputa política estadual tinha representação das principais agremiações locais. A imprensa afirmou que a aliança entre Prado e Barreto foi desfeita nessas eleições de 1990 (*CORREIO DA SEMANA*, 29/09/1990), mas o que se constatou foi que tanto Prado como Barreto apoiaram Paulo Lustosa da Costa para governador. Lustosa era um velho aliado do grupo Prado; e Luiza Távora, candidata a vice, recebia o apoio do grupo Barreto pela fidelidade da agremiação ao ex-governador Virgílio Távora. Vicente Fialho e José Ricardo Prado foram os candidatos a deputado dos Prado, enquanto o grupo Barreto lançaria Joaquim

Barreto e César Barreto, Federal e Estadual, respectivamente. O resultado das eleições expressou a vitória de mais uma batalha do grupo Ferreira Gomes, os quais foram eleitos, Ciro Gomes - Governador, José Linhares Ponte - dep. Federal, Moésio Loiola, Cid Gomes, Alexandre Figueiredo, José Ricardo Prado e Nonato Prado – deputados estaduais. Diante dos bons resultados, o articulista do *Correio da Semana* lança o desafio:

*Sobral e toda zona estavam esquecida, abandonada em total marasmo. Agora chegou a vez dos seus filhos eleitos modificarem essa situação. Não queremos injustiças para com as restantes regiões do Estado. Queremos apenas que façam conosco o que foi feito para região sul do Estado; nos façam justiça! Um Governador sobralense, o 1º do século, 1 deputado federal, após 20 anos e 5 deputados estaduais, unidos representam por sem dívidas, uma grande força e prestígio político para a zona norte que deve ser explorada.*

[...] *Para frente Sobral!* (CORREIO DA SEMANA, 20/10/1990).

Apesar de tanta pressão, os velhos chefes sobreviveriam ainda por alguns anos, mas a década de 90 testemunharia a luta cotidiana pela superação da velha Sobral representada por Prado e Barreto. Pressionados pelo legislativo, na atuação dos partidos de esquerda e pelo executivo estadual, sob a direção do governador Ciro Gomes, as eleições de 1996 consolidariam o poder dos novos chefes, pelo menos retoricamente, representantes da Nova Sobral.

## BIBLIOGRAFIA

- BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998
- BRUNO, A .; FARIAS, A . de & ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambéba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital).
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Diretas Já: vozes da cidade. In: FERREIRA, J. & REIS, D. A. *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GONDIM, L. M. P. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas* – os “governos das mudanças” no Ceará (1987-1994). Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 1998. (Coleção Outros Diálogos).

MARTIN, Isabela. *Os Empresários poder* – o projeto político do CIC (1978-86). Fortaleza: Secretaria de Desporto do Estado do Ceará, 1993.

PARENTE, J. & ARRUDA, J. M.(Org.) *A Era Jereissati* – modernidade e mito. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.